REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.7 – N.1– 2023

RECUSA VACINAL: OS PERIGOS DA FAKE NEWS E DO MOVIMENTO ANTIVACINA NO CONTEXTO DE IMUNIZAÇÃO

VACCINATION REFUSAL: THE DANGERS OF FAKE NEWS AND THE ANTI-VACCINATION MOVEMENT IN THE CONTEXT OF IMMUNIZATION

RECHAZO A LA VACUNACIÓN: LOS PELIGROS DE LAS NOTICIAS FALSAS Y EL MOVIMIENTO ANTIVACUNACIÓN EN EL CONTEXTO DE LA INMUNIZACIÓN

Beatriz Michele Silva e Silva
Graduação em Biomedicina
Email: beatriz.sillva2411@gmail.com

Géssica Suanny dos Santos Amaro
Graduação em Biomedicina
Email: suannyamaro@gmail.com

Resumo:

Introdução: As vacinas são substâncias imunobiológicas criadas para controlar e erradicar doenças, que geraram grandes impactos na saúde e na sociedade. No entanto, é notória a falta de adesão de um grupo minoritário, que tende a colocar em risco todo esforço gerado durante anos, através do Programa Nacional de Imunização e os órgãos de saúde. **Objetivo:** Averiguar como as mídias sociais atuam junto as "*fake news"* e qual a relação destas com o movimento "antivacina", e ainda compreender como podem persuadir a população a não se vacinar. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura de caráter integrativa e qualitativo, elaborado mediante a pesquisa de conteúdo nas bases de dados Lilacs, Medline e PUBmed, produzindo o estudo com base de artigos publicados no período de 2018 – 2022. Após leitura na integra e aplicação dos critérios de inclusão, foram retirados manuscritos para produção do estudo e mantiveram-se 9 artigos para a construção da tabela. **Conclusão:** Considerarmos que, atualmente, a saúde pública diante das notícias falsas tem encontrado mais um desafio frente as campanhas de vacinação. Este cenário coloca em risco a saúde das pessoas nos últimos anos. Ao colher informações sobre as *fake news* dispostas nas mídias virtuais e suas interconexões com o movimento "antivacina". Tal movimento articula-se em congregar pessoas que se opõem ao processo de campanha de imunização, podendo gerar consequências como a queda da cobertura vacinal e o retorno de doenças erradicadas.

Palavras-chave: Anti-vaccination, Vaccination, Fake News, Health, Disinformation.

SUMMARY:

Introduction: Vaccines are immunobiological substances created to control and eradicate diseases that have had major impacts on health and society. However, the lack of adherence by a minority group is

notorious, which tends to jeopardize every effort generated over the years by the National Immunization Program and health agencies. Objective: To find out how social media work with “fake news” and what their relationship is with the “anti-vaccination” movement, and also understand how they can persuade the population not to get vaccinated. Methodology: This is an integrative and qualitative literature review, prepared through content research in the Lilacs, Medline and PUBmed databases, producing the study based on articles published in the period 2018 - 2022. After reading in full and application of the inclusion criteria, manuscripts were withdrawn for the production of the study and 9 articles were maintained for the construction of the table. Conclusion: We consider that, currently, public health in the face of false news has found another challenge in the face of vaccination campaigns. This scenario puts people's health at risk in recent years. By collecting information about fake news displayed in virtual media and their interconnections with the “anti-vaccination” movement. This movement is articulated in bringing together people who are opposed to the immunization campaign process, which may have consequences such as the drop in vaccination coverage and the return of eradicated diseases.

Keywords: Anti-vaccination, Vaccination, Fake News, Health, Disinformation

RESUMEN:

Introducción: Las vacunas son sustancias inmunobiológicas creadas para controlar y erradicar enfermedades que han tenido grandes impactos en la salud y la sociedad. Sin embargo, es notoria la falta de adhesión de un grupo minoritario, lo que tiende a poner en riesgo todos los esfuerzos generados a lo largo de los años por el Programa Nacional de Inmunizaciones y los organismos de salud. Objetivo: Conocer cómo funcionan las redes sociales con las “fake news” y cuál es su relación con el movimiento “antivacunación”, y también entender cómo pueden persuadir a la población para que no se vacune. Metodología: Se trata de una revisión bibliográfica integradora y cualitativa, elaborada mediante investigación de contenido en las bases de datos Lilacs, Medline y PUBmed, produciendo el estudio a partir de artículos publicados en el período 2018-2022, completo y aplicación de los criterios de inclusión, los manuscritos fueron retirados para se mantuvo la producción del estudio y 9 artículos para la construcción de la tabla. Conclusión: Consideramos que, en la actualidad, la salud pública frente a las noticias falsas se ha encontrado con otro desafío frente a las campañas de vacunación. Este escenario pone en riesgo la salud de las personas en los últimos años. Mediante la recopilación de información sobre noticias falsas mostradas en medios virtuales y sus interconexiones con el movimiento “antivacunas”. Este movimiento se articula en agrupar a personas que se oponen al proceso de campaña de inmunización, lo que puede tener consecuencias como la caída de las coberturas de vacunación y el retorno de enfermedades erradicadas.

Palabras clave: Antivacunación, Vacunación, Fake News, Salud, Desinformación.

INTRODUÇÃO

A vacina é um bioproduto constituído por agentes infecciosos enfraquecidos ou inativados, com a função de produzir uma resposta imunológica no organismo. Esta resposta imunológica promove o fenômeno chamado de “memória imunológica” cujo intuito é prevenção e/ou defesa contra várias doenças (DOMINGOS *et al*., 2020).

Neste contexto, segundo Chagas (2019), os antígenos vacinais diminuem uma infecção natural, ativando linfócitos T e/ B, que são as principais células de resposta

celular e humoral. Em segundo exposição ao antígeno, seja por infecção natural ou por infusão vacinal, o contato com estes patógenos com células de memória produz uma resposta rápida e eficaz, identificando o agente patogênico, impedindo o desenvolvimento da infecção no organismo do hospedeiro.

Por isso, o processo de imunização é considerado extremamente importante, visto que, em algumas infecções, os patógenos se multiplicam rapidamente, impedindo a produção de anticorpos a tempo de lidar efetivamente com a infecção. Os anticorpos IgM e IgG são glicoproteínas que atuam especificamente contra agentes infecciosos, e possuem as funções de IgM para respostas primárias e IgG para respostas adaptativas secundárias (CHAGAS, 2019).

Em indivíduos não vacinados, ao serem infectados por um patógeno, o sistema imunológico é incapaz de impedir o desenvolvimento da infecção (DOMINGOS et al., 2020; SANTOS, 2020). Os Resultados podem processar na geração de uma infecção exacerbada e morte do indivíduo.

Essa teoria de imunização veio por intermédio do médico Edward Jenner em 1796, no período em que se combatia a epidemia da “Varíola” (PONTE, 2020). Teve como base a coleta do pus da mão de uma ordenhadora que havia contraído a doença, para ser inoculada uma pequena quantidade em uma criança órfã, com intuito de analisar os efeitos.

No período de 1904, quando o médico Oswaldo Cruz, que era Diretor Geral da Saúde Pública, intensificou a obrigatoriedade a respeito da imunização, visando acabar com ciclo de epidemias que acometiam principalmente o Rio de Janeiro (BRASIL,2016). Em razão disso, muitos opositores influentes da política, não apoiaram as ideias governamentais, e utilizaram a imprensa como forma de recrutamento de pessoas a não adesão vacinal.

Com surgimento dos grupos antivacinais, veio o manifesto popular a “Revolta da vacina”, que defendiam a liberdade de escolha da vacinação, além de criticar as ações governamentais e ter uma visão negativa da segurança, chamando as injeções de “veneno” (SHIMIZU, 2018). É por isso que o governo decidiu retirar as leis obrigatórias em 1904, por conta do levante popular.

Atualmente com o uso das mídias sociais, esse grupo contra a vacinação se intensificou claramente nos últimos anos. Por meio de um fenômeno conhecido como "*fake news*" popularizado em 2016, que divulgam ideias em plataformas como sites, blogs e redes sociais, levando ao recrutamento de pessoas a não cumprir as políticas de imunização, afetando negativamente a saúde pública (PASSOS; FILHO, 2020).

Vê –se, portanto, que as influências das notícias falsas podem causar mudanças de opiniões nos indivíduos; o compartilhamento de informações inverídicas nas redes sociais, e o crescimento significativo do abandono de terapias de cuidados e prevenção comprovadas cientificamente, a exemplo das vacinas. Diante do exposto, traz o seguinte o questionamento: de que maneira a *fake news* e os movimentos contra vacinação convencem a população a não aderir à política vacinal?

Deste modo, objetiva-se averiguar o papel das mídias e redes sociais junto as "f*ake news"* que atreladas ao movimento "antivacina" podem influenciar as pessoas a não adesão de vacina.

METODOLOGIA/ MATERIAL E MÉTODOS

O estudo trata-se de uma revisão de literatura integrativa, que utilizou uma abordagem qualitativa como estratégia de mostrar uma síntese dos resultados de pesquisas sobre a temática. Este estudo justifica a relação das *fake news* com o movimento antivacina como um dos motivos da queda da cobertura vacinal, evidenciando seus efeitos na sociedade. Desta maneira, a Revisão integrativa permite levar a compreensão do estudo por meio da análise das questões norteadoras que conduziu a produção do trabalho.

Para elaboração deste estudo, foram determinadas as seguintes etapas: (1) Definição da coleta de dados acerca da busca da literatura; (2) Seleção e obtenção dos critérios de inclusão e exclusão; (3) avaliação e análise dos estudos obtidos e (4) apresentação dos resultados.

A busca eletrônica foi elaborada na base de dados da Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (*Lilacs*), *Medical Literature Analysis*

and Retrieval Sistem on-line (*Medline) e o serviço da U.S National Library of Medicine (PubMed),* em artigos de língua inglesa e portuguesa, publicados nos últimos 5 anos. Foram realizados entrecruzamentos entre descritores como estratégia de busca, utilizando o operador booleano *AND*, com as seguintes combinações: *"Anti-vaccination and Vaccination", "Fake news and Health" e "Disinformation".*

Deste modo, após a escolha da definição de coleta de dados, adotaram os seguintes critérios de inclusão: artigos completos com métodos qualitativos ou quantitativos e, artigos que abordassem o tema de maneira clara e objetiva. Já os critérios de não inclusão: artigos incompletos, relato de casos, artigos fora do tema, revisões de literatura, revisões sistemáticas e materiais publicados antes do período de 2018 – 2022.

A busca totalizou 1.208 publicações na base de dados *MEDLINE*, *LILACS* e *PUBMED*. Com a aplicação da leitura de títulos e resumo baseando-se nos critérios de exclusão, permaneceram 31 artigos. Após leitura na íntegra e aplicação dos critérios de inclusão, foram retirados manuscritos para produção do estudo e mantiveram-se 9 artigos para redigir a tabela.

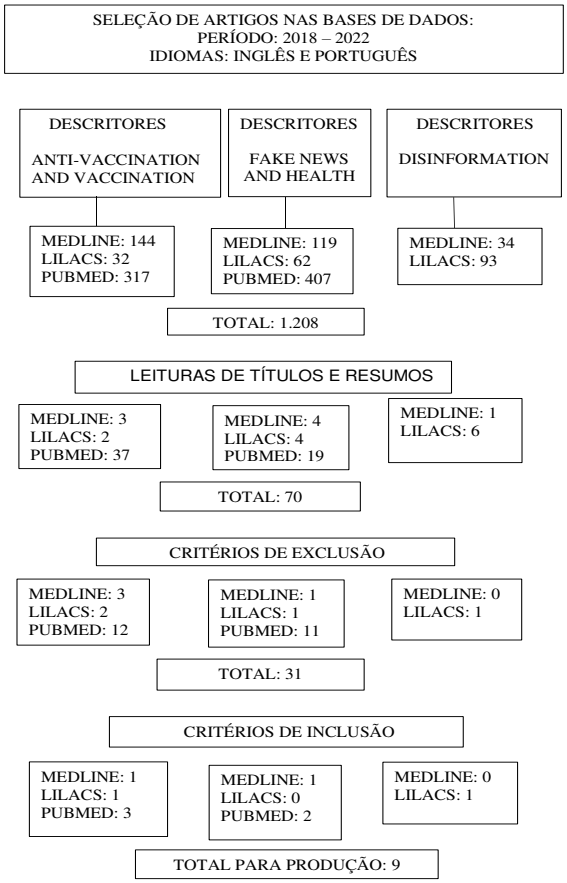


Figura 1 - Fluxograma da seleção de artigos do estudo

Fonte: Próprio autor, 2022.

RESULTADOS

A imunização em massa, é um recurso necessário para o controle e erradicação de doenças. Diante do cenário de dificuldades crescente, ao baixo nível da cobertura vacinal, percebe-se que, a desconfiança a respeito das vacinas tem aumentado significamente, no que gera uma expressa preocupação dos órgãos responsáveis do país. Em busca de compreender como a "*fake news"* atreladas ao movimento antivacina podem persuadir as pessoas a não adesão vacinal, foram obtidos os seguintes estudos.

Tabela 1 - Publicações sobre *fake news* relacionadas a vacina

Autores / Idioma	**Título**	**Vacina**	**Objetivo**	**Ação desenvolvida**
Carrieri, Madio e Principe (2019). Inglês	*Vaccine hesitancy and (Fake) news: Quasi-experimental evidence from Italy*	Tríplice viral	Analisar os efeitos da desinformação através da taxa de imunização na Itália, explorando o fato ocorrido em 2012.	Realização de quase experimento da visualização da desinformação após o Tribunal Italiano reconhecer causalidade entre a vacina Tríplice viral com o autismo.
Saraiva e Faria (2019). Português	A ciência e a mídia: A propagação de *fake news* e sua relação com o movimento anti-vacina no Brasil	Poliomielite e Tríplice viral	Encontrar a relação com movimento antivacina com a *fake news* através de conversa em grupos na Plataforma de Facebook.	Fez- se uma análise quantitativa das postagens no Facebook relacionadas a vacina, além apresentar em porcentagem a queda de indivíduos imunizados de 2014 até 2019.
Massarani, Leal e Waltz (2020). Português	O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento.	Tríplice viral	Investigar o engajamento da palavra vacina nas mídias sociais com base de 100 link compartilhados em maio 2018 a maio de 2019.	Com método qualitativo, foram analisados conversa relacionada a vacina e saúde no app *BuzzSumo*.
Teixeira e Santos (2020). Português	*Fake news* colocam a vida em risco a polêmica da campanha de vacinação contra febre-amarela.	Febre-amarela	Analisar os argumentos que circulam em forma de notícias falsas sobre saúde públicas em redes sociais e aplicativos.	Os autores escolheram a campanha da vacina contra a Febre-amarela, para selecionar post e áudio disseminados no aplicativo WhatsApp no ano 2018, a fim analisar a tese de Michael Foucault e Nikolas Rose.
Sundstrom, et al. (2021). Inglês	*Correcting* HPV *Vaccinatiin Misinformation Online: Evaluating the HPV Vaccionation Now Social Media Campaign.*	HPV	Realizar uma campanha de conscientização dos pais, com intenção de aumentar a confiança em torno da vacina contra o HPV.	Durante junho a agosto de 2019, os autores desenvolveram uma campanha nas mídias sociais, analisando índice engajamento no Facebook e Twitter.

Kornides *et al*., (2022). Inglês	*Exploring contente of misinformation about HPV vaccine on Twitter.*	HPV	Avaliar conteúdo de Tweets sobre vacina contra HPV postados na plataforma de mídia social Twitter.	A busca foi feita utilizando a hashtag #hpv por meio da recuperação de Tweets postados entre 15 de dezembro de 2019 até 31 de março de 2020, através da interface do programa de aplicativos do Twitter.
Sacramento e Paiva (2020). Português	*Fake news*, *WhatsApp* e a Vacinação contra febre-amarela no Brasil.	Febre-amarela	Avaliar a perspectiva dos usuários do SUS a respeito de vacinação.	Realizaram entrevista com pessoas que esperavam a vacina contra a febre-amarela no final de 2017.
Galhardi *et al*. (2021). Português	*Fake news* Hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil.	Oxford, Pfizer/BioNTech; CoronaVac e Covaxin	Exteriorizar a evolução das *fake news* disseminadas a respeito das vacinas e do vírus Sars-CoV-2 e seus impactos.	Levantamento das notificações apresentadas pelo aplicativo Eu Fiscalizo, por compartilhamento de boatos e desinformações acerca da COVID-19. As plataformas principais foram Facebook, WhatsApp, Instagram e Twitter.
Herrera-Peco *et al*. (2021). Inglês	*COVID-19 and vaccination: analysis of public institution's role in information spread through Twitter*	Pfizer, Moderna e Sputnik	Análise tweets no Twitter dos mais influentes em espanhol relacionado a COVID-19.	Coleta de dados do Twitter usando o software *NodeX* para analisar *tweets* em espanhol.

Fonte: Próprio autor, (2022).

A partir dos dados coletados nas pesquisas, foi possível analisar que países que enfrentaram surtos de doenças, como a exemplo de dados *divulgados European Centre for Disease Prevention and Control* (ECDC, 2019), na Europa teve surto de Sarampo por baixa adesão de vacina, foram registradas no ano de 2018, 2.526 casos e oito mortes na Itália, 5.376 casos e 22 mortes na Romênia, 162 casos em Portugal. Já nos Estados Unidos segundo o relatório de morbidade e mortalidade HALL *et al*., (2017) o surto de Sarampo aconteceu em 2014, com 667 casos registrados.

Com surto de Sarampo na Itália, o primeiro-ministro italiano Paolo Gentiloni, por meio de uma entrevista, declarou que a queda da cobertura vacinal se deve a

propagação de teorias sem fundamentações científicas (TEIXEIRA; SANTOS, 2020). Vale ressaltar que, a Itália foi um dos países que em 1999 teve percussão do artigo Dr. Andrew Wakefield, publicado na "Revista Lancet", na qual associava a vacina da Tríplice viral (MMC) com desenvolvimento de autismo em crianças (SHIMUZI, 2018). O artigo gerou questionamento na tomada de decisão, em relação a vacina, pois foi utilizado como forma de argumento científico pelos grupos antivacinais

No estudo Carrieri, Madio e Principe (2019), relatam que em 2012, uma família foi indenizada ao recorreu ao Tribunal de Rimini, na Itália, alegando que seu filho adquiriu autismo pela aplicação da vacina. Mesmo com a publicação de Wakefield removido da revista por notificação das autoridades norte-americanas em 2010, por influenciar a não adesão de vacina de 100 mil crianças naquele ano (TEIXEIRA; SANTOS, 2020). O juiz aprovou posicionamento da família, mas, foi revogado a decisão anos mais tarde.

O imunobiológico contra HPV, também tem enfrentado hesitações principalmente nos Estados Unidos, como apresenta os dados de *Elam-Evans et al*., (2020) e H*ealthy People* (2020) citado no estudo de Kornides *et al*., (2022) verificou que ao longo de 2019, 54,2% dos adolescentes de 13 a 17 anos estavam com sua vacinação em dia contra o HPV, comparado as demais vacinas de *Tdap* 90,2% e MMR 91,9%. A taxa de imunização contra HPV é considerado baixo de acordo a meta 80%, que o órgão pretendia alcançar na vacinação dos adolescentes.

Já a vacinação contra a febre-amarela, segundo o monitoramento de dados pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2019a) citado por Sacramento e Paiva (2020) que a partir de dezembro de 2016 a junho de 2017 foram registrados 792 casos e 274 óbitos, de julho de 2017 a junho de 2018, registraram 1.376 confirmados e 274 óbitos, comparado julho de 2018 a janeiro de 2019, teve registro de 12 confirmados e 5 mortes. Essa análise foi realizada no Brasil após longa temporada de ausência de casos da doença, que até o final do 2016, na qual o país foi surpreendido com surto.

Mediante aos casos em 2016, o governo brasileiro decidiu pelo fracionamento do imunizante. Com as mudanças, o tempo vitalício de proteção, que antes era de dez anos, reduziu para oito anos (SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Com as alterações feitas

na dosagem, levantaram grandes rumores sobre a eficácia da vacina, além de questionar a necessidade de se imunizar (BRETAS, 2018).

VACINA CONTRA A COVID-19 NO BRASIL

O coronavírus é uma síndrome respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV-2, que em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou o surto uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional, devido à natureza altamente transmissível do vírus e à letalidade rápida (DOMINGOS, 2021). Após a descoberta do sequenciamento genético do vírus, várias atividades de pesquisa foram realizadas para o desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19.

A primeira imunização contra a COVID-19 aprovada, foi no Reino Unido, no início de dezembro de 2020 pela a indústria farmacêutica Pfizer. No Brasil, apenas as vacinas CoronaVac, AstraZeneca, Pfizer e Janssen foram autorizadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária em 2021 (ANVISA, 2021).

Com a pandemia sendo o centro das notícias, diversos grupos contrários à imunização, veiculavam questionamentos sobre a eficácia da vacina ou assuntos relacionados ao vírus SARS-CoV-2. É tanto que a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou o termo "infodemia" para a epidemia de desinformação em massa causada por notícias falsas (GALHARDI *et al*, 2021).

Com o acesso as notícias falsas, se tornou difícil para a população identificar as informações verídicas, como mostra o levantamento do estudo Galhardi *et al* (2021), feito pelo aplicativo “Eu Fiscalizo”, mostrou índice de desinformação, no que se refere as vacinas Sinovac, Oxford e Pfizer¸ no período 26 de março de 2020 a 31 de março de 2021. A análise mostrou índice de desinformação da vacina CoronaVac no Facebook de 62,5%, WhatsApp 18,8%, Instagram e Twitter 6,3% e sites 6,1%, considerado o mais atacado, comparado a Oxford que apresentou desinformação 40,0% em sites, 40,0% no Facebook e 20,0% no Instagram e a Pfizer demonstrou níveis de notícias falsas sobre efeitos adversos com 50,0% em sites e 25,0% tanto na plataforma Facebook e Instagram (GALHARDI *et al*, 2021)

DISCUSSÕES

MOVIMENTOS ANTIVACINAIS E *FAKE NEWS*

A origem do movimento antivacina, aconteceu com surgimento de várias ligas antivacinais pelo país, sempre após o processo de implementação da imunização. Como ocorreu no Reino Unido, a criação da "Liga Anti-Compulsória de Vacinação" fundada após uma nova aprovação da lei de imunização no ano 1867, na qual a faixa etária era de 3 meses a 14 anos para vacinação contra varíola (BOARD, 2020). Em outros países, como os Estados Unidos, executou no ano 1894 e mais tarde no Brasil em 1904, onde surgiu o forte manifesto popular, que ficou conhecida como a "Revolta da vacina" (GOMES, 2020). Diversas outras ligas foram instaladas, quando chegava o processo de lei de vacinação.

Ao longo dos 100 anos, após existência da primeira imunização, várias outras vacinas que conhecemos hoje foram implementadas, como a exemplo da Poliomielite e Tríplice viral (FIOCRUZ, 2016). Mesmo com pouca veiculação, os movimentos antivacinais sempre esteve presente na sociedade, agregando pessoas a não adesão de vacina.

Segundo Castillo, Santos e Castro (2020), *fake news* podem ser entendidas como um fenômeno de comunicação, político e social recente, baseadas em prática e valores enraizados na cultura do Brasil. Porém, o mesmo popularizou-se pelo mundo em 2016 após a campanha presidencial de Donald Trump e Hillary Clinton.

Após as eleições, a circulação de *fake news* continuou ganhando força devido ao seu grande poder de propagação, e desde então, tornou-se comum nas mídias digitais (CASTILLO; SANTOS; CASTRO, 2020). Diante do cenário, o espaço virtual está aberto para as possibilidades de produção e consumo de conteúdo com informações, que podem ser confiáveis ou não confiáveis.

O ambiente de comunicação que antes era limitado, hoje se tornou um espaço que configura o receptor e emissor de informações, por isso, existe a acessibilidade de criação de plataformas digitais, como a exemplo de blogs ou sites (SARAIVA; FARIA, 2019). Isso ocorre, porque as mídias sociais permitem que todos os indivíduos

tenham o acesso e estejam conectados e as notícias possam propagar sem dificuldade.

Com movimento antivacina presente na sociedade desde a implementação da política vacinal nos países, percebe-se que, antes, era considerado pequeno, pois se limitava movimento dentro das ligas. Hoje com acesso a mídias sociais, o seu crescimento e conquista de recrutadores, veio em grupos fechados no Facebook (SHIMIZU, 2018). O conteúdo disseminador dessas páginas, geralmente vem de origem estrangeira de caráter antivacinacionista, pois esse grupo é considerado forte em países europeus e nos Estados Unidos.

AFINAL, COMO *FAKE NEWS* ATRELADA AOS MOVIMENTOS CONTRA VACINAÇÃO CONVENCEM A POPULAÇÃO A NÃO ADERIR À POLÍTICA VACINAL?

Segundo o Passos e Filho (2020) elucida, a ausência de informações adequadas faz com que as pessoas acreditem em notícias inverídicas, e assim aceita as ideias dos movimentos contrários a não adesão de imunobiológico. Após a análise dos estudos, os fatores de influência na recusa vacinal, podem estar relacionados as histórias pessoais, eficácia da vacina, críticas políticas, interesses financeiros de indústrias farmacêuticas ou veiculação de links sobre vacinas nos aplicativos de mensagem.

Entende-se que, tais notícias que circulam sem referência científica, são as que deixam os indivíduos em dúvida quanto à segurança da vacina, por enfatizar experiências negativas. Segundo o estudo de Sundstrom *et al.*, (2021), por meio de uma realização de uma campanha de conscientização de pais, para a vacinação dos seus filhos contra HPV, na Carolina do Sul (EUA), descobriram durante a pesquisa, relatos pessoais ou narrativas relacionadas a pro-vacina e antivacina, presentes nas plataformas digitais como Facebook e Twitter.

Com baixo índice de cobertura vacinal na vacina contra HPV na localidade, desenvolveram uma campanha de conscientização nas plataformas digitais para

impulsionar esclarecimentos de dúvidas, por meio de um post com mensagens de reflexão utilizando hashtag “#HPVvaxNOW #OurMoment”.



Figura 2 - Melhores anúncios da campanha
Fonte: Sundstrom *et al.*, (2021)

A campanha enfatizava a responsabilidade moral de proteger seus filhos contra o câncer, já que o público-alvo eram alcançar pré-adolescentes, adolescentes, homens e mulheres com faixa de idade de 30 a 50 anos. Com grandes engajamentos, os resultados explícitos nas postagens, mostraram que os pais da Carolina do Sul são atenciosos e se preocupa com seus filhos. Durante a campanha de dez semanas obtiveram melhoria na taxa de imunização da vacina na localidade (SUNDSTROM *et al.*, 2021). Analisando a ação do estudo, foi possível observar que histórias pessoais negativa sobre vacina podem gerar mudança de opiniões em pais hesitantes, por conta da ausência de mensagem verídicas sobre a importância do imunizante. Por esta questão, se torna um dos principais motivos a não adesão da vacina.

Já na eficácia da vacina, inúmeras opiniões geraram desconfiança durante a epidemia da febre-amarela no Brasil. Uma matéria que ficou expresso, foi da epidemiologia Laurenfe Cibrelus, que afirmou: “Foi uma situação muito complicada no Brasil. Houve muita desinformação e comunicação falsa, o que foi intensificado pela discussão sobre a dose integral ou fracionada” (COSTA, 2018, p.1). A fala retrata a situação de poucas doses da vacina naquele período, pois até 2016 era dada como erradicada. Por questão de retorno de casos, optaram pelo fracionamento a fim de garantir uma grande imunização com o tempo vitalício reduzido. O posicionamento do órgão gerou desconfiança da população, pois deduziam que a vacina se tornaria “fraca” para imunização da doença (TEIXEIRA; SANTOS, 2020).

No campo da política, também apresentaram situações que promoveram a circulação de *fake news*, relacionada a eficácia da vacina contra a COVID - 19, ao tempo de produção do imunobiológico, como também porcentagem de imunização das indústrias farmacêuticas evidenciadas no momento, que foram Sinovac, Pfizer, Oxford e Covaxin. Durante a estratégia de compra das vacinas, surgiram críticas políticas que influenciaram na recusa da CoronaVac, como a exemplo do posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, que em meio a pandemia da COVID-19, gerou um clima negacionismo sobre a compra de lote da vacina CoronaVac, fabricado pelo Instituto Butantan, em parceria com farmacêutica Sinovac (GALHARDI *et al*, 2021). O líder político contribuiu com alegações que não iria se vacinar, pois não tinha eficácia comprovada. Esse comportamento do ex-presidente, pode ter gerado dúvidas e escolhas por marcas de vacina, pois cerca de 53,1% das pessoas recusava tomar a CoronaVac (GALHARDI *et al*, 2021).

Outro posicionamento contrário à vacina, remete as indústrias farmacêuticas, na qual, reforçam a ideias de estratégias comerciais entre governos. Como a exemplo da colocação do ex-presidente norte – americano Donald Trump, que alegou que a imunização da gripe, é uma fraude da história da medicina, elaborada pela indústria farmacêutica para fins monetários, demonstrando que os cientistas buscam benefícios próprios (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2021). Esse argumento exterioriza que a ciência traz um mal para população, e que a imunização não é vista como um

elemento positivo. Alegações como estas, sempre existiram ao longo do processo vacinal, sustentadas por grupos antivacinais, mesmo com o marco histórico de doenças erradicadas decorrentes da imunização.

Com relação às *fake news* sobre vacina veiculadas por *links*, as pesquisas obtidas no estudo, trazem alguns exemplos, como aconteceu no início da imunização contra a COVID- 19, onde a enfermeira demitida em um Hospital no Espírito Santo após compartilhar seu vídeo nas redes sociais, com crítica a vacina CoronaVac. No vídeo a mulher relata que tomou a vacina para poder viajar e não se sentir segura (GALHARDI *et al.,* 2021). O comentário se referia a eficácia do imunizante, que trazia 50% de imunização e ela não há considerava como uma vacina.

A exemplo de um fato transcorrido em agosto de 2018, onde o Ministério da Saúde fez levantamento em seu serviço de checagem, "saúde sem *fake news*" que mostrou índice sobre a substituição de vacinas por receitas caseiras, mediante ao surgimento dos efeitos colaterais de vacina (BRASIL, 2018). As informações se tratavam de combinações de alimentos como forma de medicamentos para imunização de patologias (TEIXEIRA; SANTOS, 2020). O compartilhamento dessas mensagens, sempre se opõem, pois apresentam argumentos que utilizam produtos naturais, sem elementos químicos. Como a exemplo durante a vacinação contra a febre-amarela no Brasil, em 2018, que circulava no aplicativo WhatsApp receita de imunização contra a febre-amarela e repelente de rópolis que traziam suposta proteção contra doença.

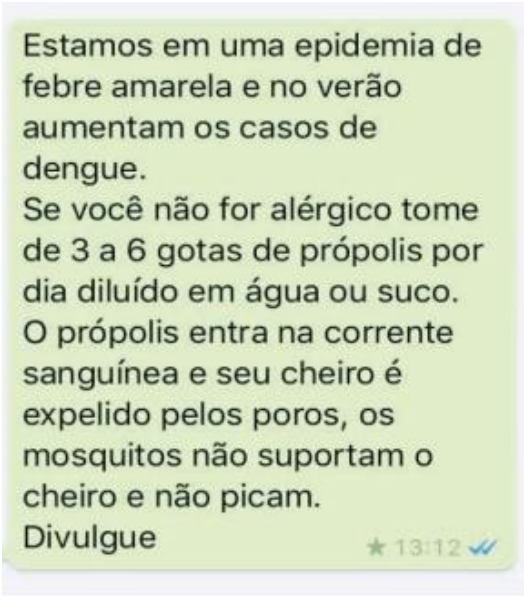


Figura 3- Repelente de própolis contra febre-amarela
Fonte: Reprodução/ WhatsApp citado por Teixeira e Santos (2020).

Nesse período, surgiu afirmação do médico infectologista e pesquisador da Fiocruz André Siqueira, no site de notícias falsas do G1 sobre o repelente disseminado da própolis no aplicativo WhatsApp, o especialista afirmou: “A mensagem é uma besteira. Não tem nenhuma verdade no que a pessoa que escreveu diz. Em primeiro lugar, a vacina é uma vacina efetiva e segura. Os eventos adversos que acontecem são extremamente raros. A vacina é a melhor forma de combater a doença. Outras formas de combater são as que diminuem o contato do homem com o mosquito, ou seja, repelente, mosquiteiro, os quais são proteções adicionais. A receita colocada lá não tem nenhum efeito, nenhuma validade para febre-amarela, nem como imunização, nada" (DOMINGOS, 2018). Essa fala veio para rebater os conceitos criados através da mensagem.

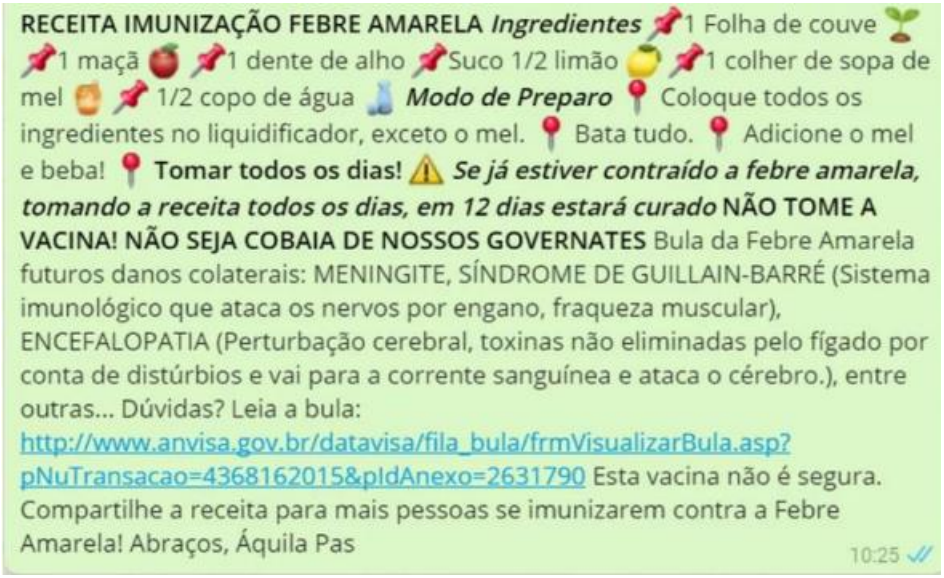


Figura 4 - Receita caseira que substitui a imunização contra febre-amarela
Fonte: Reprodução/ WhatsApp citado por Teixeira e Santos (2020).

Por fim, em circunstâncias do advento das novas tecnologias, as informações que chegam as pessoas podem sofrer alterações, pois o cenário de comunicação que antes era limitado, hoje se configura um espaço aberto para acessibilidade, chegando ao clique. Informações como esta, demonstradas no estudo, estão presente nas principais plataformas de acesso, como sites e redes sociais.

PAPEL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DIANTE DAS *FAKE NEWS* SOBRE VACINAÇÃO

Com a proliferação de conteúdos inverídicos, tornou-se um empecilho principalmente na área da saúde. É tanto que o Ministério da saúde criou uma campanha para desmentir notícias falsas em seu site oficial. Foi divulgado um número de WhatsApp para que a população enviasse notícias disseminadas de modo a confirmar a veracidade do conteúdo.



Figura 5 - Banner da campanha
Fonte: Brasil (2018).



Figura 6 - Selos utilizados nas campanhas
Fonte: Brasil (2019b).

Diante da infodemia de notícias falsas na saúde, se faz necessário agregar auxílio para o combate á desinformação, como a exemplo os profissionais de saúde. O papel dos profissionais de saúde em passar credibilidade e confiabilidade da vacina, é essencial (ANUNCIAÇÃO, 2018). Pois consiste como principal representante de fonte de informação para o paciente.

Devido à crescente disponibilidade de novas vacinas e a frequente atualização dos calendários vacinais, o profissional deve se manter- se capacitado para informar

a população das supostas indicações, precauções e possibilidade dos eventos adversos (SUCCI, 2018). É necessária essa atualização para desenvolver uma visão diferente, principalmente para pais que se preocupam com a saúde dos seus filhos, ao ouvir relatos negativos e passam a ter resistência a adesão da vacina.

Com o crescimento de veiculação de notícias falsas, é necessário que os profissionais de saúde, com os órgãos de saúde pública, tragam aos pacientes abordagens seguras e ricas de conhecimento técnico, de modo a conseguirem esclarecer dúvidas, que estejam relacionadas as ideias antivacinais (PASSOS; FILHO, 2020).

Para isso, é preciso que exista uma boa relação entre o profissional da saúde e o paciente, pois quando existe essa ligação, será possível mudar o pensamento da aqueles que enxergam a política vacinal como práticas erradas (BORTOLETTO, 2020). A decisão de vacinar é complexa, por isso que o trabalhador da saúde deve informar as pessoas, segundo as orientações apresentada pelo Programa Nacional de Imunização (PNI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar os estudos, é notável a influência da mídia social na tomada decisão, devido ao aumento do contato com a rede de internet, favorecendo um terreno fértil de disseminação das ideias antivacinais. Com a facilidade e rapidez que as informações chegam para população, a responsabilidade que pertencia aos profissionais de saúde de esclarecer dúvidas, se torna usurpada pelo ambiente digital, tornando paciente experiente no assunto, ou seja, desinformado do conteúdo.

Mostramos também que os movimentos antivacinais se intensificaram nos últimos anos, o que foi detectado pelo crescimento das postagens do grupo. Além disso, foi esclarecido através dos estudos obtidos, a influência da mídia social a não adesão de vacina, pois a população se mostrou mais suscetível a receber informações sobre a vacinação através das redes sociais, do que dos profissionais de saúde.

Por fim, a pesquisa teve o intuito de amenizar os efeitos da deterioração da confiança na vacina, com o propósito de alerta para a disseminação de notícias falsas. A estratégia de combate, seria o resgate das antigas ações, como a exemplo a divulgação das campanhas de imunização, por meio de redes sociais, rádio, TV, revistas, jornais, cartazes e panfletos, pois através dos mesmos, contribuíram para o sucesso em diversas campanhas, além de esclarecer dúvida sobre vacinas. Nosso objetivo é que este estudo se amplie e possa trazer novas estratégias de políticas vacinais, para minimizar os efeitos da propagação de notícias falsas.

REFERÊNCIAS/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUNCIAÇÃO, E. **Principais causas da recusa da vacina pelos usuários do Serviço de Saúde**. Repositório UNILAB. 2018. Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Saúde da Família na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Monaliza Ribeiro Mariano. São Francisco do Conde, 2018. Disponível em: < https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1118#:~:text=As%20informa%C3%A7%C3%B5es%20falsas%20veiculadas%20pela,achados%20recorrentes%20da%20recusa%20vacinal >. Acesso em: 22 de set. de 2022.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa. Acesso em: 27de dezembro de 2022

BOARD, V. **Breve história de medo e desinformação: os movimentos anti-vacina, 2020.** Disponível em < http://cienciaviva.org.br/index.php/2020/04/05/breve-historia-do-movimento-anti-vacina/> Acesso em: 4 de set. de 2022.

BORTOLETTO, C. **Crenças pessoais explicam a força do movimento antivacina no país,** 2020. Disponível em< https://www.sbd.org.br/JSBD/JSBD-V24-N4-5/noticias/crencas-pessoais-explicam-a-forca-do-movimento-antivacina-no-pais/> Acesso em: 5 de jan. de 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Febre amarela: Sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. 16 de Agosto de 2019a. Disponível em: http://bit.ly/32KQUMR. Acesso em: 29 de nov. de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Oswaldo Cruz: o sanitarista que mudou o Brasil**, 2016. Disponível em < http://www.blog.saude.gov.br/index.php/servicos/50056-oswaldo-cruz-o-sanitarista-que-mudou-o-brasil> Acesso em 7 de set. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Campanha Saúde sem *Fake News***. 2019b. Disponível em: http://portalms.saude.gov.br/fakenews. Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde sem Fake News**. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2018/agosto/ministerio-da-saude-lanca-servico-de-combate-a-fake-news. Acesso em: 20 set. 2022.

BRETAS, V. 10 respostas sobre a vacina fracionada contra febre amarela. **Superinteressante**. 2 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://bit.ly/3651CQr. Acesso em: 20 set. 2022

CARRIERI, V, MADIO, L, PRINCIPE, F. *Vaccine hesitancy and (fake) news: Quasi-experimental evidence from Italy.* ***Health Economics***. 2019; 28: 1377– 1382. https://doi.org/10.1002/hec.3937

CASTILLO, S; SANTOS, D; CASTRO, H. *Fake news* no contexto da pandemia de COVID-19: considerações a partir da cultura política, 2020. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v.8, n.1, p.185, outubro de 2020. Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232521> . Acesso em: 22 de set. de 2022.

CHAGAS, S; AGNOL, M; PESSOA, A; NASCENTE, E; RAMIS-VIDAL, M; PASCOAL, L. Vacinas e suas reações adversas: Revisão. **Editora MV Valero**, Brasil. Vol. 13, nº. 8, pp. 1 – 14. 2019 . ISSN:1982-1263

COSTA, M. T. *Fake news* tiveram influência na vacinação contra a febre amarela no Brasil, diz chefe da OMS. **G1**. 22 de maio de 2018. Disponível em: https://glo.bo/31MjBHG. Acesso em 11 de out. 2022.
DOMINGOS, R. **Receita natural imuniza contra a febre amarela ou cura a doença? Não é verdade.** 2018 In: É ou, não é? G1 [Internet]. Rio de Janeiro: Grupo Globo; 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/receita-natural-imuniza-contra-a-febreamarela-ou-cura-a-doenca-nao-e-verdade.ghtml> Acesso em: 11 de nov. 2022.

DOMINGOS, V; OLIVEIRA, A; MARTINS, A; BOVE, V; HANGUI, T; SILVESTRE, M. Campanhas Anti-Vacinação, Crenças Dos Pais E Consequências: Uma Mini Revisão De Literatura. **Revista Educação em Saúde**. v. 8 (2020): Suplemento 1 - ANAIS DA 18ª MOSTRA DE SAÚDE. 2020.ISSN: 2358-9868 Disponível em: http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/4595Acesso em: 11 de out. 2022.
DOMINGUES, C. M. A. S.. Desafios para a realização da campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. Cad. Saúde Pública, 2021 37(1), 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/KzYXRtNwy4fZjTXsgwSZvPr/# Acesso em: 05 de mar. 2023.

ECDC*, EUROPEAN CENTRE FOR DISEASE PREVENTION AND CONTROL*. *Comunicable Disease Threats report*, **ECDC**. *March*, 2019. Disponível em: < https://www.documentador.pr.gov.br/documentador/pub.do?action=d&uuid=@gtf-escriba-sesa@e0ec7a32-3690-47d5-a583-4d3ae1d76a5b&emPg=true > Acesso em 11 de out de 2022.

ELAM-EVANS, LD, YANKEY, D., SINGLETON, JA, STERRETT, N., MARKOWITZ, LE, Williams, CL, McNamara, L., & Stokley, S. (2020). ***National, regional, state, and selected local area vaccination coverage among adolescents aged 13–17 years*** *— United States,* 2019*. MMWR Morbidity and Mortality Weekly Report*, 69, ISBN: 1109–1116.

FERNANDES, C. M.; MONTUORI, C. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das *fake news* contidas em' As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v%vi%i.1975. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1975. Acesso em: 23 set. 2022

FIOCRUZ. Ministério da Saúde destaca a importância da vacina tríplice viral. **Fiocruz**, 2016. Disponível em: https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1263-vacinas-as-origens-a-importancia-e-os-novos-debates-sobre-seu-uso?showall=1&limitstart> Acesso em: 4 de dez. 2020.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al*. *Fake news* e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 27, n. 05, pp. 1849-1858. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24092021> Acesso em: 11 de nov. 2022.

GOMES, C. **Obrigatoriedade da vacina: discurso contrário vem do século XIX,** 2020. Disponível em < https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/obrigatoriedade-da-vacina-discurso-contrario-vem-do-seculo-xix/> Acesso em: 7 de jan. de 2022.

HALL V, Banerjee, *et al*. *Measles Outbreak — Minnesota, April–May* 2017. **MMWR Morb Mortal Wkly Rep.** 2017; 66:713–717. DOI: http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.mm6627a1. Acesso em 11 de out. 2022. *HEALTHY PEOPLE*. **Imunização e Doenças Infecciosas**. Pessoas Saudáveis 2020. Disponível em : <https://www.healthypeople.gov/ 2020/topics-objectives/topic/immunization-and-infectious-disea ses> Acesso em: 29 de nov. de 2022.

HERRERA-PECO, I., *et al*., COVID-19 *y vacunación: Análisis del papel de las instituciones públicas en la difusión de información a través de Twitter [COVID-19 and vaccination: analysis of public institution's role in information spread through Twitter.].* ***Revista espanola de salud publica***, v. 95. 2021. Disponível em: https://www.sanidad.gob.es/biblioPublic/publicaciones/recursos_propios/resp/revista_cdrom/VOL95/ORIGINALES/RS95C_202106084.pdf. Acesso em: 7 de jan. de 2022.

KORNIDES, M.L., BADLIS, S., HEAD, K.J. *et al. Exploring content of misinformation about HPV vaccine on twitter.* ***Journal of Behavioral Medicine*** (2022). https://doi.org/10.1007/s10865-022-00342-1.

MASSARANI, Luisa, LEAL, Tatiane e WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2020, v. 36, n. Suppl 2. ISSN 1678-4464. https://doi.org/10.1590/0102-311X00148319. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00148319>. Acesso em: 11 dez. 2022.

PASSOS, F; FILHO, M. Movimentos Antivacina: Revisão narrativa da literatura sobre fatores de adesão e não adesão à vacinação, 2020. **Revista JRG de estudos científicos**, 3(6170–111). Disponível em: < https://doi.org/10.5281/zenodo.3891915> Acesso em: 21 de set. de 2022.

PONTE, Gabriella. Conheça a história das vacinas. **Fiocruz**, Online, p. 1, 5 fev. 2020. Disponível em: https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1738-conheca-a-historia-das-vacinas. Acesso em: 4 dez. 2022

SACRAMENTO, I.; PAIVA, R. *Fake news*, *WhatsApp* e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZes**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081. Acesso em: 11 dez. 2022.

SANTOS, Helivania Sardinha dos. Vacinas. [S. l.]: **Biologia Net**, 2020. Disponível em: https://www.biologianet.com/saude-bem-estar/vacinas.htm. Acesso em: 3 jan. 2022.

SARAIVA, L; FARIA, J. A ciência e a Mídia: A propagação de *fake news* e sua relação com o Movimento anti-vacina no Brasil. **Intercom – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares da Comunicação - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Belém - PA – 2 a 7 de set. de 2019. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1653-1.pdf. Acesso em: 21 de set. de 2022.

SHIMIZU, N. Movimento antivacina: a memória funcionando no/pelo (per)curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e urbana. v.5, ano 5, outubro de 2018. **Revista do EDICC** - ISSN 2317-3815. Disponível em: < https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5963> Acesso em: 21 de set. de 2022.

SUCCI, R. C. D. M. Recusa Vacinal: que é preciso saber. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 94, n. 6, p. 574-581, dez./2018. ISSN 1678-4782. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jped.2018.01.008. Acesso em: 22 de set. 2022.

SUNDSTROM, Beth *et al*. *Correcting HPV vaccination misinformation online: evaluating the HPV vaccination NOW social media campaign*. ***Vaccines*****,** v. 9, n. 4, p. 352, 2021. https://doi.org/10.3390/vaccines9040352

TEIXEIRA, A.; SANTOS, R. D. C. *Fake news* colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v14i1.1979. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1979. Acesso em: 11 dez. 2022.